

Santa Maria de Faria

FARIA, orago Santa Maria, sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção, era uma vigararia da apresentação do D. Prior da Colegiada de Barcelos. Esta freguesia esteve anexa à de Milhazes, formando uma só com o nome de Milhazes e Faria, readquirindo porém mais tarde a sua autonomia.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação — «De Sancta Maria de Faria Antiga», nas Terras de Faria.

Nelas se diz que o rei tem aqui 8 casais e dão deles o terço do pão e do linho e o quarto do vinho; que « dant Domino terre semel in ano octo casalia que sunt ibi regalenga VJ. VJ. denarios pro collecta et pro luctuosa J morabatinum et leitimam secundum suum forum. Et pectant IIJ calumpnias, scilicet, de sanguine derroto in villa ipsa J carneiro».

Esta freguesia tem sesmarias: S. Salvador de Fornelos 3 casais e St.^a Maria de Góios meio casal.

A Terra de Faria, limitada ao norte pela de Neiva, da qual era separada pelo Rio Cávado, ao nascente pela de Penafiel de Bastuço e ao sul por Vermoim e a Maia, estendendo-se em uma larga extensão até ao oceano, que a banhava ao poente, transforma-se pelo decorrer do tempo no Julgado do mesmo nome, com sua sede primi-

tivamente na vila de Paria, da qual passou mais tarde para a de Rates.

O Senhorio de Faria foi dado por D. Afonso Henriques ao seu grande amigo e cooperador na independência nacional Hermígio Moniz.

Por carta de 14 de Dezembro de 1363, D. Pedro I deu o *prestamo* de Faria a Nuno Gonçalves, *em pagamento da contia de seus maravedis*.

D. Fernando, por carta de 18 de Novembro de 1371, fez doação do senhorio do Julgado de Faria a D. Gonçalo Telo de Meneses, 1.º conde de Neiva, *nosso vassalo pela guisa porque o nós havemos*, passando deste, depois da batalha de Aljubarrota, para João Fernandes Pacheco, vassalo e guardamôr de D. João I.

O Julgado de Faria, com muitas outras terras, por carta de 8 de Novembro de 1401, entrou na doação e confirmação a D. Afonso, 1.º Duque de Bragança, filho bastardo do rei D. João I e genro do condestável D. Nuno Álvares Pereira, ficando desde então incluído no grande termo de Barcelos.

Subsistiu este julgado até 1835, ano em que foi extinto por lei de 21 de Março, continuando porém a pertencer a maior parte das freguesias que o compunham a este concelho e comarca e sendo as restantes nessa data e em datas posteriores incorporadas nos concelhos e comarcas vizinhas.

Faria deu o nome à família deste apelido e ao condado, do qual foi seu 1.º conde D. Gonçalo Telo de Meneses.

Este condado foi incorporado nos princípios do século XV na Casa de Bragança.

Vicente Gonçalves, de Braga, edificou no século XIII na freguesia de Faria uma casa e *a defendeu* por Honra que estendeu a toda a freguesia.

Indo uma vez lá o mordomo de el-rei fazer uma penhora, um irmão de Vicente Gonçalves matou-o em um lugar *a par da Igreja* (1).

Esta Honra passou depois para D. Estêvão Peres de Rates e mais tarde foi englobada na casa e quinta de Pedregais (2).

A casa e quinta de Pedregais, que muitos escritores consideram solar dos Farias de Barcelos, andou sempre na linha varonil de Nuno Gonçalves de Faria, tronco desta família, até D. Catarina Afonso de Faria, 4.ª neta do grande alcaide, e, mudando de linha nos princípios do século XVIII e sendo ali instituído um Morgado, nunca deixou de pertencer a esta ilustre geração até 1870, ano em que foi vendida e em seguida desmembrada em glebas na posse de estranhos.

Da sua nobre e antiga casa hoje nada existe.

Há porém pessoas velhas nesta freguesia que se lembram de ver uma torre desmantelada e restos de paredes de edificações que foram demolidas em meados do século XIX e empregada a sua pedra em muros de vedação da propriedade.

Vê-se ainda um portão, estilo D. João V, relativamente moderno, que fecha os muros que circundam um reduzido terreno (parte da antiga quinta de Pedregais) onde estiveram aquelas casas.

Encimando esse portão está um escudo com as armas em chefe dos Farias.

Este brasão foi concedido em 1535 a Sebastião de Faria, 5.º neto de Nuno Gonçalves, e ali mandado colocar por algum seu parente.

(1) Anselmo Braancamp Freire in «Jornal do Comércio» de Lisboa n.º 14.577 de 29 de Julho de 1902.

(2) Snr. José de Meneses «Ninharias», pág. 133.

Corre na tradição que a Igreja Paroquial esteve no sítio onde hoje é a bouça da Igreja, um pouco mais ao norte da actual.

Este templo, estilo barroco simples, ergue-se no centro de um adro fechado por parede.

Na padieira da sua porta principal tem gravada — IHS. 1695—, que deve ser a data da sua construção.

Ao lado esquerdo da fachada levanta-se uma sólida e bem proporcionada torre, com seu relógio, a qual tem na padieira da porta de entrada a data—1846—e ao lado gravada em uma pedra a seguinte inscrição: = FEITA POR INICIATIVA DO PAROCHO JOSÉ ANT.º EIRAS—1846.

Em 1914, na ocasião de uma trovoada, caiu um raio nesta torre, derrubando-a quase toda, bem como o coro, metade do tecto da Igreja e parte da sua fachada.

Tudo porém em breve foi reconstruído, sendo então aumentada a capela-mor que era muito pequena.

Na ocasião dessa reconstrução foram encontradas na ábside pinturas com imagens de santos e outros ornatos, cobertos por reboco de cal.

Dentro o templo está muito limpo e asseado; os seus tectos são em estuque, pintados, o altar-mor em talha antiga, renascença, muito bem dourada, e os cinco laterais em talha simples e moderna, muito bem conservados.

O púlpito tem gravada na madeira a data—1884 e o baptistério, ainda que muito bem trabalhado, é moderno; no rebordo está gravada a data —1896.

Quando foi da colocação desta pia baptismal, mandaram enterrar a antiga em um campo próximo à Igreja.

Levantou-se então uma grande questão nesta freguesia, dividindo-se o povo em dois partidos: uns queriam que continuasse a servir a antiga e outros a moderna.

Vencendo por momentos o primeiro partido, desenterraram-na e colocaram-na no sítio, mas o outro partido, não se conformando com isso, pôs a nova e tornou a enterrar ou destruiu a velha.

Uma tempestade num copo de água!

Os frades do convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira instituíram nesta Igreja uma Ordem Terceira de S. Francisco, da qual era Comissário um frade daquele convento.

Do lado do evangelho estão as casas de arrumação e a sacristia.

Esta é bem proporcionada e está com asseio.

Vêem-se nas paredes um lavabo de pedra, dois quadros com as imagens da Senhora do Rosário e de Santo António, pintadas em madeira e o retraio do actual senhor Marquês de Faria, que julgo tenha sido um benfeitor desta freguesia.

No adro, no recanto formado pela torre e parede da Igreja, está uma sepultura de pedra com tampa, não sabendo a quem pertenceu, por não ver nela gravada inscrição alguma.

Na quinta de Pedregais estava outra que foi levada para o Museu Municipal das Torres, em Barcelos.

O Cemitério Paroquial foi construído ao fundo do adro e tem sobre o seu portão a data de 1892.

O Cruzeiro Paroquial, formado por uma alta coluna com capitel coríntio, tem gravada na base a data 1733 e ergue-se no largo fronteiro ao portão de Pedregais.

O Presbitério, em frente à porta principal da Igreja, encostado ao adro mas hoje separado dele pela estrada municipal, é um velho edifício quase em ruínas.

Tem esta freguesia apenas duas capelas.

A *Capela de Santo Amaro*, no alto de um pequeno outeiro, no lugar da Igreja, cercada por adro murado

para onde se ascende por um tosco escadório, é pequenina e antiga.

Ao lado desta vê-se uma minúscula sacristia mais moderna e por cima da porta principal uma sineira da qual furtaram há anos o^v sino.

A Capela de Santa Ana, no lugar de Cima da Aldeia, quase abandonada, é particular e pertence ao Snr. António Bernardino da Silva.

Há os seguintes Nichos ou Alminhas: as da Igreja e as de Cima da Aldeia.

Esta freguesia está situada em planície e é servida por uma estrada Municipal que, partindo da que vai de Barcelos à Póvoa na freguesia de Gilmonde, passa junto à Igreja Paroquial e dá comunicação com a de Vilar de Figs.

Confronta pelo norte com a freguesia de Milhazes e a de Vila Seca, pelo poente com a de Cristelo, pelo sul com a de Paradela e pelo nascente com a de Vilar de Figs.

É banhada pelo ribeiro de Fim de Vila, que nasce em Courel e vai com outros formar na Lagoa das Necessidades o Rio Tinto, e pelo riacho de Zarague, que nasce em Milhazes, afluente daquele ribeiro.

A sua população no século XVI era de 38 moradores; no século XVII era de 65 vizinhos; no século XVIII era de 68 fogos; no século XIX era de 366 habitantes e pelo 7.º censo de população é de 444 habitantes, sendo 182 varões e 262 fêmeas, sabendo ler 86 homens e 46 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Outeiro, Monte, Presa, Cortinhal, Cima da Aldeia, Agra, Eiras, Veiros, Senra e Fim de Vila.

Parece que era neste último lugar a antiga vila de Faria.

As suas actuais casas mais importantes são: a do Brasileiro, a das Eiras, a do Amaro, a do Guimarães, a do Peixoto, a dos Carvalhos e a do Frio.

Tem esta freguesia Escola Oficial que vai funcionar em edifício próprio, construído em 1931 por iniciativa do Snr. Padre Manuel de Faria.

Tem duas lojas de mercearia e Caixa do Correio.

Há aqui duas pequenas fábricas de moagem.

Dos homens mais notáveis, cujos nomes andam ligados a esta freguesia destacaremos os seguintes:

Nuno Gonçalves de Faria, o grande alcaide do Castelo de Faria, cujo nome é um símbolo do valor e heroicidade portuguesa, foi senhor do préstito de Faria, por carta de 14 de Dezembro de 1363.

Sendo alcaide do Castelo de Faria, sito na freguesia de Gilmonde, saiu a combater os castelhanos, mas sendo aprisionado por estes foi morto junto aos muros daquele castelo por aconselhar seu filho Gonçalo Nunes, a quem tinha confiado a sua guarda, que o não entregasse ao inimigo.

É este um dos feitos mais heróicos da nossa história pátria.

Álvaro Gonçalves de Faria, filho segundo do antecedente, herdou a casa de seus pais pela renúncia de seu irmão Gonçalo Nunes de Faria, que se ordenou de clérigo e foi abade da freguesia de Santa Eulália de Rio Covo.

Álvaro Gonçalves de Faria esteve na Batalha de Aljubarrota e tanto nela se distinguiu que foi armado cavaleiro por D. João I.

Vasco Afonso de Faria, bisneto do antecedente, foi senhor da casa e quinta de Pedregais, na freguesia de Faria. *António de Faria Machado*, filho de João de Faria Machado, senhor da casa da Bagoeira em Barcelos e das

Hortas em Braga, foi abade de Touguinhó, Vila do Conde, e senhor da casa e quinta de Pedregais, na freguesia de Faria.

Esta casa tinha sido de D. Maria de Faria e Sá, casada com Sebastião de Andrade Rego, descendente directa, sexta neta do antecedente, que suponho a vendesse ao seu parente António de Faria Machado, o qual a vinculou deixando-a a um seu sobrinho.

P.^e Manuel Joaquim de Carvalho, vigário de Faria, que viveu nos fins do século XIX.

Na Agra de Cima desta freguesia, estiveram acampados os franceses quando por aqui passaram em uma das suas invasões.

O monte de Veiros, tão célebre na antiguidade por aí haver minas de metais preciosos, principalmente de prata, fica nos limites desta freguesia com a de Cristelo.

Em uns campos ao norte da actual Igreja apareceram há anos sepulturas romanas de tijolos, ainda bem conservadas, mas que foram nessa ocasião inconscientemente destruídas; no lugar da Igreja, ao sul, apareceram também tijolos com rebordo, e nas proximidades onde esteve a antiga Igreja foram encontrados vasos, pratos, bilhas e outros objectos de uso comum a povos antigos que aqui se estabeleceram e que aqui viveram.